

Ricardo Vasconcelos

A sublime desordem de Sá-Carneiro

É a primeira edição crítica da célebre correspondência enviada por Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa e também o volume inaugural de uma série que a Tinta-da-China dedica ao poeta de quem se celebrará, em 2016, o centenário da morte. O JL entrevista o responsável da coleção, Ricardo Vasconcelos, que com Jerónimo Pizarro fixou o texto destas cartas fundamentais para se compreender o modernismo português

Luís Ricardo Duarte



Abre-se a ligação de skype e o escritório de Ricardo Vasconcelos revela-se. Nas estantes, edições, muitas edições, de literatura portuguesa, sobretudo de poesia. É a essa área, de resto, que tem dedicado a sua atividade académica, apesar de ter decidido, há muito, sair de Portugal. Depois de um mestrado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sobre a obra de Luís Miguel Nava, cruzou o Atlântico e os Estados Unidos da América. Fez o doutoramento na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, com uma tese sobre antologias de poesia portuguesa e brasileira. E depois de ter dado aulas em Milwaukee, na Universidade do Wisconsin, fixou raízes em São Diego, ainda na Califórnia, onde foi convidado para coordenar a área de estudos portugueses na universidade local.

É também a partir daí que coordena a edição crítica de Mário de Sá-Carneiro, cujo primeiro volume acaba de ser editado pela Tinta-da-China. *Em Ouro e Alma* reúne a correspondência que o poeta, nascido em 1890 e falecido em 1916, enviou a Fernando Pessoa. Vários poemas originalmente anexados às cartas são incluídos pela primeira vez, o que permitirá identificar evoluções, alterações e hesitações na sua criação. Além disso, é um volume que dá a conhecer, de forma exaustiva, a dimensão iconográfica desta correspondência, com a reprodução, em fac-símile, de envelopes e cabeçalhos de papel timbrado. Mais um passo em frente na aproximação do leitor à escrita inventiva e desordenada, luxuriante e caótica de um dos grandes génios do Modernismo português. Um trabalho de edição, fixação



Mário de Sá-Carneiro Para o poeta, o conteúdo era mais importante do que a forma

de texto e anotação que Ricardo Vasconcelos assina com Jerónimo Pizarro, outro grande especialista em literatura portuguesa, em particular Fernando Pessoa. Para 2016, quando se assinala o centenário da morte de Sá-Carneiro, está prometida a edição crítica da sua poesia. Até porque ainda há muito trabalho para fazer na divulgação da obra do autor de *Manicure*, *Céu em Fogo* e *A Confissão de Lúcio*, assegura Ricardo Vasconcelos.

Jornal de Letras: Qual a principal novidade desta edição?

Ricardo Vasconcelos: As edições anteriores contribuíram para descodificar passagens obscuras e organizar o corpus. Com este volume, damos um passo em frente, ao mesmo tempo que restauramos a ortografia original de Sá-Carneiro.

Havia muito trabalho por fazer?

Sim. O trabalho típico das edições críticas: apresentar os textos tal como foram escritos. É até muito curioso pensar nesta questão numa época em que tanto se discute se as edições devem adotar ou não o novo acordo ortográfico. Com a ortografia de Sá-Carneiro percebe-se como tudo pode ser relativo.

Porquê?

A ortografia original de Sá-Carneiro é reconhecidamente irregular (a propósito das dificuldades de uma edição crítica, Maria Aliete Galhoz chegou a sugerir um fenómeno de dislexia). Chega a escrever palavras com uma grafia que poderíamos dizer que segue o novo acordo. A omissão das consoantes mudas irritaria seguramente o mais purista da língua. Restaurar a ortografia, contudo, foi um ponto de partida, não de chegada.

Esta edição permitirá novas leituras das cartas e dos poemas. Julgo que a partir de agora não será possível organizar a poesia de Sá-Carneiro sem se ter em conta as versões autógrafas e as cópias dos poemas anexadas às cartas que aqui divulgamos, em alguns casos pela primeira vez.

Há inéditos?

Não podemos falar de textos desconhecidos, mas uma novidade é a transcrição de cópias autógrafas inéditas de vários textos. Nas várias edições da correspondência de Sá-Carneiro para Fernando Pessoa foram gradualmente sendo integrados alguns poemas que acompanhavam as cartas, uma opção, curiosamente, que a primeira edição, da Ática, não seguiu na totalidade, quando todo o espólio estava reunido. Isto atualmente acontece porque qualquer investigador quer ter uma edição mais completa. Tivemos a sorte de ter acesso a uma coleção particular e a um número muito superior de materiais. Também fizemos o que ainda não tinha sido feito: recorrer a cópias autógrafas reproduzidas em livros, fotobiografias ou catálogos de leilões. Em muitos casos - e com muito pouca conjectura - foi possível associar às cartas poemas de que perdemos o rasto.

O que se ganhou com a reprodução desses poemas junto das cartas?

Aproximar o leitor tanto quanto possível dos originais, das cartas tal como foram enviadas. O que também explica outras opções que tomámos, como a reprodução, em fac-símile, dos envelopes e cabeçalhos dos papéis de carta utilizados. São características únicas desta correspondência e que de certa forma sublinham como Sá-Carneiro vincula a sua vida e escrita aos locais por onde passou (da Pampilhosa a Paris), com a datação dos poemas e a revelação desses lugares. Com os meios técnicos e gráficos de que dispomos foi possível reproduzir uma parte significativa desses materiais - em cerca de 700 ilustrações - que, de resto, revelam muita informação.

Por exemplo?

Ver como a guerra influenciou esta troca de correspondência, atrasando a chegada das cartas ou fazendo-as passar pela inspeção militar.

Essa componente gráfica está entre as maiores dificuldades de uma edição crítica da correspondência de Sá-Carneiro?

Em parte, sim, porque gostaríamos de incluir muito mais fac-símiles, sobretudo de poemas como *Sete Canções de Declínio* ou *Caranguejola* que encontramos na referida coleção particular. Mas não vão faltar oportunidades. No entanto, há dificuldades maiores. Por um lado, é impossível reunir toda a correspondência de Sá-Carneiro, que era um escritor compulsivo de cartas. As que escreveu para a família, nomeadamente o pai, e outras pessoas ou se perderam ou estão muito dispersas. Tem-se privilegiado o núcleo pessoano por ser o mais consistente e por ser muito importante para a compreensão do Modernismo português. Por outro lado, há a tal questão da ortografia, que exige muitas decisões. Podíamos ter optado por uma edição diplomática, que transcrevesse *ipsis verbis* cada palavra e passagem, mantendo as inconsistências do texto.

Qual foi a opção seguida?

Ser fiel ao autor mas também ao leitor, favorecendo por isso a legibilidade. Reduzimos as variações ortográficas quando havia um padrão. Ao contrário de Fernando Pessoa, que é de uma precisão matemática, Sá-Carneiro desvaloriza muito a ortografia. Enquanto as edições críticas de Pessoa têm três ou quatro notas de rodapé para cada carta, aqui chega a haver 100.

A ortografia original não complica a leitura?

Antes pelo contrário. Permite tirar muitas conclusões ou pelo menos abrir a porta a vários estudos. Será interessante - e isso ainda não foi estudado - analisar o grau de rigor da ortografia de Sá-Carneiro quando ele está em Lisboa e em Paris

E há variações?

Parece-me que sim, embora seja só uma intuição. Nesta correspondência, de resto, existe uma evolução do início para o fim. Estou a pensar sobretudo na forma como escreve determinadas palavras, na acentuação e noutros elementos que quase não estão presentes no início e que surgem mais tarde. A grande conclusão que se tira desta desordem é

que, para Sá Carneiro, o conteúdo do texto era muito mais importante do que a forma. E que a sua riqueza lexical e imagética não é beliscada por uma ortografia mais frágil.

Se com Fernando Pessoa a principal dificuldade é lidar com a profusão de inéditos, podemos dizer que com Sá-Carneiro são as ausências, os documentos perdidos ou em falta?

Num certo sentido, sim. O desaparecimento das cartas que Fernando Pessoa lhe enviou são a grande dor de alma dos investigadores. De alguma maneira, a correspondência de Sá-Carneiro supre algumas lacunas, dando conta do que o seu interlocutor terá escrito. As anotações de Pessoa em alguns envolo-



Ao vender a imagem de um Sá-Carneiro isolado do mundo não se faz jus aos seus méritos de linguagem e à capacidade de brincar consigo próprio

pes também ajudam a imaginar a resposta. Mas há outras lacunas. A correspondência com o pai era muito vasta e ultrapassava seguramente o interesse biográfico.

Tem esperança de encontrar esses documentos?

É uma questão complexa. A tendência é pensar que se fossem passíveis de serem encontrados já teriam sido. Mas não sei se se pode dizer isso. Existem dois textos autógrafos da poesia medieval portuguesa, encontrados séculos e séculos depois de terem sido escritos. Mesmo sabendo que muitos pergaminhos foram reutilizados em lombadas, é um sinal de esperança. Qual a probabilidade de encontrar as cartas de Pessoa para Sá-Carneiro? Muito pouca. Outros núcleos de cartas, no entanto, talvez comecem a aparecer, fruto do cuidado e interesse de colecionadores.

Na apresentação deste volume sugerem que, ao correr dos anos, se cristalizou uma imagem de Sá-Carneiro. Porquê?

Que Sá-Carneiro era um dandy não há dúvida. O que se cristalizou, como Fernando Cabral Martins assinalou, foi a ideia de a sua obra ser uma espécie de legenda da vida. Ou, inversamente, de a vida ser uma ilustração da obra literária. É uma visão que decorre do suicídio e do facto de ser um tema fulcral em muitos dos seus textos. A própria correspondência tem muito de dramatização. Mas estas perspectivas reforçam o lado melancólico, esquecendo a vivacidade e autoironia que a sua obra e em particular estas cartas também evidenciam. Ao vender a imagem de um Sá-Carneiro isolado do mundo não se faz jus aos seus méritos de linguagem e à capacidade de brincar consigo próprio, com os medos e dramas. Por mais que toque nos temas caros da época, como a decadência espiritual e física, nunca chega à dissolução da linguagem. Pelo contrário, consegue sublimar tudo o que o afeta, numa escrita de uma brutal intensidade. Fala-se no esfinge gorda, expressão de Sá-Carneiro, mas olha-se mais para o gorda do que para o esfinge. A biografia condicionou absolutamente a interpretação da sua poesia.

A obra do Sá-Carneiro ainda está por descobrir? A sombra do Fernando Pessoa ofuscou-a?

Pessoa apagou mas também trouxe à ribalta outros nomes da geração de *Orpheu*. Dizer que foi uma figura genial e completa é pouco e pobre como resposta. O que me parece que tem sido desvalorizado em relação a Sá-Carneiro é o seu papel de elo com a vanguarda parisiense. Pessoa tinha contacto com as publicações inglesas, sobretudo a *Blast*, que foram muito importante para a definição do *Orpheu*, inclusive a nível gráfico. Mas Sá-Carneiro aproximou-o do cubismo e do futurismo francês, cuja estratégia principal passava pela retórica da blague. E sublinhava esse lado mais lúdico e de provocação. Numa carta em que Pessoa dá conta de um erro encontrado nas provas do *Orpheu*, ele responde-lhe: “Deixe ir assim: assim ainda se entende menos”. Sá-Carneiro era alguém que estava no epicentro das vanguardas estéticas, frequentava os cafés e as galerias e tentava informar-se, tudo aspectos que chocam com a imagem de poeta melancólico. **JL**



► Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro

EM OURO E ALMA - CORRESPONDÊNCIA COM FERNANDO PESSOA

Tinta da China, 672 pp, 25 euros

No centenário da morte Ramalho Ortigão e os destinos da crítica

Quando passam cem anos sobre o desaparecimento do autor de *As Farpas* e *A Holanda*, a especialista da sua obra, prof^a da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, lembra aqui o seu percurso de vida e o que de principal escreveu, considerando injusto o esquecimento a que está votado

**Maria João Lello
Ortigão de Oliveira**

George Steiner, citando Schelling, considera que o pensamento é rigorosamente inseparável de uma melancolia profunda e indestrutível. Em absoluta oposição a tão insignes pensadores, ousaremos nós fazer a apologia de um pensamento alegre?

José Duarte Ramalho Ortigão, de quem se comemora este ano o centenário da morte, ocorrida a 27 de setembro de 1915, teve uma vida feliz e uma carreira condicente. Talvez também por isso, a sua obra esteja quase na totalidade esquecida, e a evocação do seu nome praticamente circunscrita a uma rua movimentada da cidade de Lisboa.

Merecia contudo muito melhor destino, como alguns – poucos – de nós não se cansam de repetir. A figura atlética, que respirava energia, as feições regulares, mesmo belas, a toilette de *dandy*, o ar seguro com que andava e se exprimia, contrastavam com o perfil já então interiorizado da imagem do intelectual: ar sofrido, tez amarelecida, passo titubeante, angústia excessiva a transpirar dos poros da vestimenta convenientemente desalinhada. A Ramalhal figura não “parecia” um intelectual: suspeito que Antero de Quental – que Ramalho admirava e com quem se bateu em duelo, por razões literárias, a propósito da Questão Coimbrã – o teria em pouca consideração; Guerra Junqueiro chamou-lhe “repórter de génio”, em evidente intento depreciativo.

A cumplicidade com Eça de Queirós, amigo de sempre, também não ajudou: a crítica, sempre apostada em processos binários auto exclusivos, declarou-se rendida a um, para melhor diminuir o outro. O século XX confirmou à saciedade a tendência: enquanto Eça é estudado, aclamado, justamente amado, Ramalho Ortigão



Ramalho teve que arrostar com a má-fé de quem, apostado em salvar a revolucionária Geração de 70 do perigo de aburguesamento, o escolheu como paradigma do retrocesso ideológico que a geração de 90 viria a refletir

surge como um sucedâneo menor, pouco lido, raramente comentado, com a obra esgotada – mesmo em ano de centenário – sem que surja, por parte de individualidades públicas ou privadas, qualquer vontade de o editar de novo. Ensombrado pelo génio do amigo Queirós, suspeito de demasiada saúde e otimismo por parte da *intelligentsia*, Ramalho Ortigão teve ainda que arrostar com a verdadeira má-fé de quem, apostado em salvar a revolucionária Geração de 70 do perigo efetivo de aburguesamento, o escolheu a ele como paradigma do retrocesso ideológico que a geração de 90 viria a refletir, como se tivesse